

Perspectivas de uma comunicação para paz em relação à cobertura jornalística brasileira sobre o conflito palestino-israelense: análise das matérias veiculadas pelo G1 a respeito da Palestina no primeiro semestre de 2023

Perspectives of communication for peace in relation to Brazilian journalistic coverage of the Palestinian-Israeli conflict: analysis of the articles published by G1 regarding Palestine in the first half of 2023

Perspectivas de la comunicación para la paz en relación con la cobertura periodística brasileña del conflicto palestino-israelí: análisis de los artículos publicados por el G1 sobre Palestina en el primer semestre de 2023

Daniela Osvald Ramos

Universidade de São Paulo – USP
<vitoria.pbaldin@gmail.com>

Vitória Paschoal Baldin

Universidade de São Paulo – USP
<dosvald@gmail.com>

Resumo

O presente trabalho investiga como o conflito palestino-israelense foi representado nas matérias jornalísticas veiculadas no portal G1 ao longo do primeiro semestre de 2023 a partir de uma abordagem de jornalismo para paz. Para avaliar o uso relativo do enquadramento paz/guerra, as classificações de codificação dos enquadramentos da paz se basearam no trabalho de Galtung (1986, 1998), bem como nos critérios utilizados por Lee e Maslog (2005). Estas categorias de codificação envolvem vários indicadores de enquadramentos do jornalismo de paz que foram usados de modo a compreender se tal produção continha encaminhamentos para

Abstract

This work investigates how the Palestinian-Israeli conflict was represented in journalistic articles published on the G1 portal throughout the first half of 2023 from a journalism for peace approach. To assess the relative use of the peace/war frame, the coding classifications of the peace versus war frames were based on the work of Galtung (1986, 1998), as well as the criteria used by Lee and Maslog (2005). These coding categories involved several indicators of peace journalism frameworks that were used in order to understand whether such production contained directions for peace. We argue that although there are examples of articles that

Resumen

Este trabajo investiga cómo se representó el conflicto palestino-israelí en artículos periodísticos publicados en el portal G1 a lo largo del primer semestre de 2023 desde un enfoque de periodismo para la paz. Para evaluar el uso relativo del marco paz/guerra, las clasificaciones de codificación de los marcos paz versus guerra se basaron en el trabajo de Galtung (1986, 1998), así como en los criterios utilizados por Lee y Maslog (2005). Estas categorías de codificación involucraron varios indicadores de los marcos del periodismo de paz que se utilizaron para comprender si dicha producción contenía direcciones para la paz. Sostenemos que aunque hay ejemplos de

paz. Argumentamos que embora haja exemplos de matérias que seguem os princípios do jornalismo para a paz, há espaço para melhorias na cobertura midiática desse conflito.

Palavras-chave: Jornalismo. Jornalismo para paz. Conflito palestino-israelense.

follow the principles of journalism for peace, there is room for improvement in the media coverage of this conflict.

Keywords: Journalism. Journalism for peace. Palestinian-Israeli conflict.

artículos que siguen los principios del periodismo para la paz, hay margen de mejora en la cobertura mediática de este conflicto.

Palabras clave: Periodismo. Periodismo para la paz. Conflicto palestino-israelí.

Alcançar a reconciliação e a cura nas relações sociais e culturais é um empreendimento difícil, dado o compromisso interpessoal complexo entre antigos adversários.

Introdução

O panorama do conflito palestino-israelense tem ganhado novos enquadramentos no Brasil contemporâneo. A recente aproximação ideologicamente motivada da extrema-direita com Israel, em decorrência da proximidade com setores evangélicos que entendem a promoção do Estado de Israel como parte de uma agenda religiosa, (re)enquadrou o conflito com as novas disputas políticas brasileiras. Apesar da posição histórica da diplomacia brasileira em relação à solução de dois Estados e a defesa constante por uma solução mediada que respeitasse a autodeterminação soberana desses países, políticas do governo de Jair Bolsonaro afirmaram a proximidade com o projeto sionista, re-

presentando um retrocesso sem precedentes nas relações internacionais do Brasil. Israel e Palestina são, nesse cenário, não apenas países distantes, envolvidos em conflitos próprios, mas passaram, de modo explícito, a ser parte fundamental nas relações ideológicas da fragmentada política brasileira.

O jornalismo, nesse cenário, é um ator fundamental para a adoção de uma perspectiva de reconciliação entre esses entes. No Brasil, um jornalismo enquadrado para alcançar a reconciliação entre palestinos e israelenses também tem potencial para avançar nos esforços para cura das relações sociais fragmentadas vivenciadas nos últimos anos no país. Enfrentar representações simplistas e estereotipadas sobre o conflito também é um movimento em direção à normalização das relações diplomáticas brasileiras, mobilizando a opinião pública em um compromisso interpessoal de reconciliação – externa e internamente.

O presente trabalho investiga o enquadramento orientado para paz nas matérias veiculadas no portal G1 ao longo do primeiro semestre de 2023. Para isso, foram utilizados oito indicadores derivados das proposições de Lee e Maslog (2005) baseados em dois grupos de análise: critérios baseados na abordagem e critérios baseados na linguagem. O artigo está estruturado em três seções, em que, inicialmente, nos debruçamos sobre as proposições do jornalismo para a paz. Na sequência abordaremos as relações entre mídia e conflito em

perspectiva palestina, apresentando, também, iniciativas comunicativas orientadas para a paz. Finalmente, analisaremos e discutiremos as matérias jornalísticas referentes ao escopo do trabalho.

Jornalismo para Paz

As sociedades envolvidas em processos de conflitos enfrentam desafios como violência persistente de grupos que não abandonam suas preferências iniciais, ameaças de renovação da violência, instabilidade institucional, economias enfraquecidas e questões complexas relacionadas a justiça, memória e vitimização. Nesse cenário, Galtung (1969) propõe a noção de violência estrutural, em que a violência não se resume à violência física, mas está enraizada em estruturas sociais mais amplas, produzindo e mantendo desigualdades. Esta é a “paz positiva”, que é mais que a ausência de embates físicos diretos, é a extinção da violência estrutural que atravessa as relações cotidianas.

Alcançar a reconciliação e a cura nas relações sociais e culturais é um empreendimento difícil, dado o compromisso interpessoal complexo entre antigos adversários. Embora muitas vezes essa responsabilidade seja assumida por ONGs, ativistas e meios de comunicação alternativos, o jornalismo para a paz é defendido como uma abordagem que pode empoderar uma narrativa alternativa (Tiripelli, 2019). Como estratégia orientada, o jornalismo de paz se baseia no envolvimento consciente, ativo e formal dos jornalistas em princípios de trabalho específicos para promover a paz (Lee, 2020).

O jornalismo para a paz foi proposto pela primeira vez na década de 1970 por Johan Galtung, que imaginou um conceito prático e autoconsciente para jornalistas que cobriam guerras e conflitos (Lynch; Mcgoldrick, 2006). Para Galtung, as reportagens de guerra estão profundamente atravessadas por perspectivas militaristas. As notícias informam quem avança, quem capitula, quantas baixas humanas e danos materiais foram registrados. Distintamente, o jornalismo para paz se concentra em narrar histórias que destacam iniciativas para estruturação da paz positiva, atenuando as diferenças étnicas e religiosas e prevenindo novos conflitos. O objetivo é focar na estrutura da sociedade e promover a resolução de conflitos, a reconstrução e a reconciliação. Os estudos sobre o jornalismo para paz, assim, examinam a relação entre mídia e conflito, destacando as formas como as práticas jornalísticas afetam a compreensão do conflito e como o jornalismo pode contribuir para a transformação (Lynch; Galtung, 2010).

O jornalismo desempenha um papel crucial no processo de estruturação de uma paz duradoura. Ele se refere a uma abordagem jornalística que possibilita à sociedade refletir sobre respostas não violentas ao conflito e aspirar a um futuro pacífico (Lynch, 2011). No entanto, essa abordagem muitas vezes não é popular entre os jornalistas, e alguns profissionais podem encarar isso como uma violação da autonomia da mídia (Tiripelli, 2019), especialmente em um contexto culturalmente enraizado no jornalismo de conflito.

Enquanto o jornalismo de conflito muitas vezes foca em situações de guerra e crise, o jornalismo para a paz busca equilibrar notícias negativas com esperança, paz e tolerân-

cia. Isso implica desafiar a noção de que a mídia apenas relata fatos objetivos (Lynch, 2008), pois os fatos são socialmente construídos e muitas vezes influenciados por agendas políticas e valores sociais (Hall, 2016). A análise também desafia a ideia de que a mídia é imparcial, considerando como a mídia molda as narrativas e influencia a mudança social. Esse enquadramento não implica o abandono dos ideais de objetividade e precisão (Hartley, 2012), mas reconhece que existem diferentes formas de representar conflitos e essas distintas formas produzem efeitos sociopolíticos profundamente distintos (Lynch; Galtung, 2010).

Chow-White e McMahon (2011) concentram-se nos processos de reconciliação, expondo como investigar detalhadamente as negociações durante a transformação de conflitos

—

O jornalismo para a paz busca superar enquadramentos dicotômicos e simplificados no jornalismo convencional, reintegrando eventos e protagonistas em suas estruturas sociais subjacentes.

—

de conflitos pode expor novas formas de racismo e exclusão enraizadas na “cultura da negociação”. A ausência de elementos contextuais e das vozes dos grupos envolvidos nesses processos, juntamente com estereótipos persistentes, pode prejudicar a transformação pacífica. A representação de atores poderosos como benevolentes na cultura de negociação enfraquece os grupos menos poderosos, prejudicando suas chances de sucesso na reconciliação.

Hawkins (2011) aconselha jornalistas de paz a selecionar os elementos mobilizados em conteúdo noticioso sobre conflitos com critério, considerando o desequilíbrio na cobertura entre diferentes eventos e seus processos de paz. Ele observa que a ampla cobertura de certos conflitos – em comparação com a falta de cobertura de conflitos mais mortais ou duradouros – perpetua os valores do jornalismo de guerra, o que o jornalismo de paz critica. O autor destaca a necessidade de uma abordagem contextualizada, que inclua diferentes estágios do conflito e considere as nuances do discurso em períodos de paz. Eles também ressaltam a importância de dar voz aos grupos envolvidos na reconciliação, superando estereótipos e distorções.

O jornalismo para a paz busca superar enquadramentos dicotômicos e simplificados no jornalismo convencional, reintegrando eventos e protagonistas em suas estruturas sociais subjacentes (Shaw, 2011). Isso é fundamental para soluções pacíficas, transferindo a responsabilidade da violência de indivíduos para fatores sociais mais amplos. A abordagem permite que grupos busquem soluções que alterem as estruturas que mantêm o conflito, e reconhece a responsabilidade de todos os lados na busca pela paz.

Lynch e McGoldrick (2007) defendem que o jornalismo para paz, em detrimento das produções orientadas para guerra, deve explorar os elementos socioculturais e políticos ligados à formação dos conflitos, evidenciando as múltiplas partes, objetivos e problemas que atravessam os eventos. De acordo com a definição de Lynch e McGoldrick (2007), “jorna-

lismo de paz é quando editores e repórteres fazem escolhas – sobre quais histórias relatar e como reportá-las – que criam oportunidades para a sociedade em geral considerar e valorizar respostas não violentas ao conflito¹” (p. 5, tradução nossa). As causas e consequências são apresentadas em espaços e tempos abertos, em que para além das ações de violência também são abordados efeitos de forma abrangente, como seus impactos na cultura, na saúde mental e na sociabilidade. Os jornalistas devem oferecer voz a todas as partes envolvidas – para além de dois lados opostos –, humanizando tais entes. Nessa perspectiva, a paz não se resume ao cessar-fogo, mas está associada à estruturação de formas de coexistência positiva.

Em contraste, o jornalismo de guerra é orientado para a guerra/violência, a propaganda, a reprodução dos interesses das elites e a vitória como concretização da paz. Ele apresenta o conflito como uma arena em que os participantes são agrupados em dois lados opostos (“eles contra nós”) num jogo de soma zero, centrados nos efeitos visíveis da guerra como as vítimas e os danos à propriedade.

O conflito israelo-palestino, abordado pela mídia ocidental, é caracterizado por sua natureza polarizada e suas raízes profundas em relações passadas e presentes. A cobertura enfrenta desafios em equilibrar perspectivas pró-israelenses e pró-palestinas, muitas vezes tocando em questões sensíveis e simbólicas. Essas complexidades influenciam tanto a cobertura jornalística quanto às crenças sociais. Tiripelli (2019) já demonstrou como a mídia interagiu e moldou o debate sobre a paz de diversas formas, desencadeando uma série de efeitos políticos nas comunidades afetadas. No entanto, a pesquisadora enfatizou que a cobertura sobre o conflito pelos grandes veículos de mídia tem sido frequentemente dominada por tendências e distorções específicas, como a discrepância entre a utilização de fontes palestinas e israelenses e a ausência de contextualizações sobre o conflito.

O conflito Israel-Palestina: perspectivas para um jornalismo para paz

Diversos modelos teóricos foram produzidos para compreender as tendências na cobertura de eventos conflituosos na mídia (Herman; Chomsky, 1988; Reese, 2001, para citar alguns). A partir disso, o presente trabalho parte de uma análise coconstitutiva entre mídia e conflito (Budka; Bräuchler, 2020), entendendo que o conflito precisa ser compreendido como um importante fator na evolução de comunicação social e, em simultâneo, a mídia noticiosa também produz efeitos diversos na organização e no desenvolvimento dos conflitos. Compreendemos, assim, haver uma relação íntima entre política, conflito e mídia, em que os fatores estruturais da formação de produtos jornalísticos são diretamente atravessados pela estrutura político-militar dos conflitos e, em simultâneo, a atuação midiática é parte central para o desenrolar dos eventos de violência, bem como, elemento fundamental para estruturação da paz.

Historicamente, a prevalência de narrativas em torno do Holocausto e da responsabilidade ocidental frente ao nazismo na mídia internacional resultou no negligenciamento das

1 Trecho original: “peace journalism is when editors and reporters make choices – about what stories to report and how to report them – that create opportunities for society at large to consider and value nonviolent responses to conflict”.

contradições e problemas do projeto sionista (Finkelstein, 2001). Essa abordagem evitou uma análise profunda das histórias de ocupação, exploração e rejeição do Outro (Pappe, 2016) – no caso o povo palestino – no contexto ocidental, facilitando a consolidação da natureza étnica do Estado de Israel (Lentin, 2017). Desde a fundação de Israel em 1948, foi apenas em 1991, durante a Conferência de Madri, que ocorreram as primeiras negociações entre Israel e Estados árabes, incluindo uma delegação conjunta jordano-palestina, marcando o início do reconhecimento mútuo entre Israel e a Organização para Libertação da Palestina (OLP) (Kamrava, 2013). As negociações realizadas na década de 1990, conhecidas como Acordos de Oslo, representaram marco significativo no processo de paz, apesar de seu fracasso posterior.

—

**Os meios de
comunicação, ao longo
das negociações de
Oslo, enfatizaram,
simultaneamente, temas
como reconciliação e
o fracasso do processo
de paz, contudo, sem
enfatizar ao público
as complexidades
envolvidas nesse
processo.**

—

A implementação da política de separação durante os anos de Oslo agravou a erosão da recente aproximação. Essa política limitou os movimentos dos palestinos, posteriormente, levando à construção de um grande muro de separação² de forma unilateral por Israel. A separação comprometeu a viabilidade da solução de dois Estados e favorecendo a manutenção do *status quo* colonial (Human Rights Watch, 2021). Nesse cenário, Tripelli (2019) compreende que jornalistas e promotores para paz podem atuar para produzir narrativas abrangentes que enfrentem a separação física e cognitiva dessas comunidades.

Estudos anteriores já discutiram a falta de equilíbrio entre as perspectivas israelenses e palestinas, assim como a ausência de contexto adequado na cobertura, enfatizando como esses produtos midiáticos produziram efeitos concretos no desenrolar do conflito. Hazboun, Maoz e Blondheim (2019) investigaram as pressões sobre jornalistas palestinos vindas tanto de Israel, com restrições e censura, quanto de grupos palestinos como Fatah e Hamas, buscando controlar e influenciar a cobertura. Essas restrições aprofundam a assimetria do conflito e o desequilíbrio de poder entre as partes, prejudicando, em especial, iniciativas ligadas à promoção do diálogo para paz.

O estudo de Tasseron e Lawson (2022) examina como os conflitos entre Israel e Gaza em 2014 foram cobertos pela mídia britânica e sul-africana. Eles se concentram na utilização de estatísticas e discurso para legitimar as ações militares, destacando a importância de considerar tanto o conteúdo textual quanto os aspectos da mídia enquanto prática para compreender conflitos assimétricos. O estudo revela um padrão de assimetria na aborda-

² Após o início das manifestações da Segunda Intifada no início dos anos 2000, a construção de um muro passou a retornar, abertamente, ao menos, a pauta política israelense. Duas vezes mais alto que o muro de Berlim (BACKMANN, 2012), o muro se prolonga por quilômetros em meandros, friamente pensados para incorporar diversos assentamentos à continuidade de Israel – transpondo a linhas de fronteira acordadas em Oslo em diversos pontos.

gem do conflito, com uma tendência a legitimizar os ataques israelenses e deslegitimar os ataques de Gaza, possivelmente sugerindo um desequilíbrio na maneira como os eventos são retratados pela mídia.

Análises específicas sobre o papel da mídia noticiosa no processo de paz de Oslo revelaram sua influência na moldagem do debate e nas respostas das comunidades. Sheaffer e Dvir-Gvirzman (2010) destacaram que a mídia foi um ator direto, não apenas mediador, no processo de Oslo, afetando negativamente o resultado do processo de paz. Wolfsfeld (2004) observou que quando havia apoio político ao processo de paz, a mídia tendia a acompanhá-lo e apoiá-lo com suas representações. Ao mesmo tempo, a mídia também moldou ainda mais esse consenso de várias maneiras, traçando novos caminhos que os políticos precisavam gerenciar e lidar, enfatizando a natureza coconstitutiva desses fenômenos.

Os meios de comunicação, ao longo das negociações de Oslo, enfatizaram, simultaneamente, temas como reconciliação e o fracasso do processo de paz, contudo, sem enfatizar ao público as complexidades envolvidas nesse processo (Shinar, 2003). Wolfsfeld (2004) argumentou que os veículos de mídia israelenses incitaram vozes extremistas, sem enfatizar conquistas importantes que poderiam ter diminuído a tensão entre os entes.

Gamson (1992) identificou quatro enquadramentos utilizados nas representações do conflito árabe-israelense na mídia noticiosa internacional no período: interesses estratégicos, vizinhos rivais, intransigência árabe e expansionismo israelita. Esses enquadramentos, de modo geral, reforçavam o conflito, enfatizando o caráter militarista e antigos ressentimentos entre os entes do conflito. Wolfsfeld (1997), de modo semelhante, concluiu que a procura por parte dos meios de comunicação social de enquadramentos “dramáticos” no conflito do Médio Oriente concedeu aos extremistas de ambos os lados mais do que o devido tempo de transmissão, ao mesmo tempo que abafava as vozes que apelavam à paz.

Contudo, ao longo das negociações de Oslo, foi possível observar as primeiras tentativas de elaborar academicamente uma perspectiva para utilização do jornalismo como parte constituinte do processo de paz. Lynch e McGoldrick, em seu livro seminal *Peace Journalism* (2005), forneceram explicações detalhadas sobre as causas e a perpetuação do conflito, concentrando-se nas vozes individuais. Os autores desafiaram a dicotomia mediada de israelenses *versus* palestinos, destacando formas alternativas de pensamento e comportamento nas quais a transformação do conflito poderia se basear.

Resende e Rossignoli (2015) já ressaltaram, de modo semelhante, que o jornalismo desempenha um papel importante na reiteração de um imaginário etnocêntrico, marcando identidades culturais e influenciando a forma como o conflito é percebido no Brasil. Além disso, destacaram a relação entre os grandes conglomerados de comunicação e o poder instituído na construção do conflito Israel/Palestina como um evento jornalístico. Na análise realizada pelos autores sobre a abordagem do conflito Israel-Palestina no jornal *Folha da Manhã*, os palestinos foram muitas vezes relacionados a ataques contra judeus nas narrativas, mesmo que não houvesse uma atribuição direta de responsabilidade.

Assim, o enfoque na análise coconstitutiva entre mídia e conflito ressaltou que a mídia desempenha um papel fundamental tanto na evolução dos conflitos como na construção das

narrativas em torno deles. O jornalismo é um serviço à comunidade, transmitindo eventos e desafios significativos que permitem às pessoas fazer escolhas informadas para promover a mudança e a estabilidade nas sociedades. Embora os eventos muitas vezes sejam considerados autosselecionados, a relação do jornalismo com a mudança é complexa. A cobertura jornalística de conflitos abertos é influenciada pelo desejo de moldar histórias noticiáveis. No entanto, essa cobertura tende a simplificar os conflitos em enquadramentos binários, ocultando nuances e complexidades, prejudicando o enfrentamento e as possibilidades de construção de uma comunicação orientada para a construção da paz.

O jornalismo é um serviço à comunidade, transmitindo eventos e desafios significativos que permitem às pessoas fazer escolhas informadas para promover a mudança e a estabilidade nas sociedades.

As matérias brasileiras

O jornalismo para paz, seguindo as proposições de Lee e Maslog (2005), em perspectiva da abordagem, deve apresentar: (1) relatórios sobre os efeitos invisíveis da guerra; (2) abordagens sobre danos à sociedade e à cultura (3) orientação para as pessoas; (4) relatórios sobre causas e consequências mais profundas do conflito; e (5) não tende a favorecer um dos lados do conflito e/ou não identifica mocinhos ou bandidos. Já do ponto de vista da linguagem, as matérias encaminhadas para paz precisam: (6) evitar o uso de linguagem vitimizadora e relatar como as pessoas estão a lidar com a situação; (7) evitar o uso de linguagem demonizadora mediante o uso de termos mais precisos; (8) usar termos objetivos e moderados.

Para isso, foi realizada busca simples nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, bem como nos portais UOL, Estadão e G1 com a palavra-chave “palestina”, pelo período de tempo do primeiro semestre de 2023. Por tratar-se de uma pesquisa exploratória, avaliamos que as notícias no portal G1 formaram o corpus mais estável para esta primeira abordagem, pelas seguintes razões: no jornal *Folha de S. Paulo* foram achadas 106 resultados, sendo que 51 efetivamente falavam do conflito israelo-palestino, porém, um grande destaque foi dado à cobertura da controversa reforma no judiciário proposta por Netanyahu em Israel; ao contrário, no jornal *O Estado de S. Paulo*, apenas uma notícia foi publicada no período pesquisado, relativa a Biden e Netanyahu. No portal UOL, a busca é patrocinada pelo Google e soma 43.000 resultados, apresentando vários relativos ao Esporte, enquanto o portal Estadão também resultou em 137 resultados, porém com 101 resultados em Internacional, com grande maioria focada na reforma do judiciário. Assim, para análise, foi selecionado o *corpus* do portal G1.

Foram levantadas ao todo 6 matérias, com conteúdos diversos. Um desses materiais relatava o retorno do comércio de carne bovina entre países do Oriente Médio com o Brasil,

portanto, foi descartada para a presente análise (G1, 05 de jan. de 2023). Todas as matérias eram traduções de materiais produzidos por empresas jornalísticas estrangeiras, BBC e Deutsche Welle. Os resultados obtidos foram organizados no Quadro 1.

Quadro 1 – Matérias do G1 com características de jornalismo para paz

	efeitos invisíveis da guerra	danos à sociedade e à cultura	orientação para as pessoas	causas e consequências mais profundas	Não favorece um dos lados	evita o uso de linguagem vitimizadora	evita o uso de linguagem demonizadora	usa termos objetivos e moderados
Reportagem								
<i>O que foi a Nakba palestina e por que ela é importante</i>	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO (pró-palestinos)	SIM	SIM	SIM
<i>Maioria de jovens palestinos é contra solução de dois Estados, diz pesquisa exclusiva</i>	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM
<i>O que é 'Cova dos Leões', nova milícia palestina 'jovem e raivosa'</i>	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO (anti-palestinos)	SIM	NÃO	NÃO
<i>A idosa palestina que resistiu à expulsão forçada de casa por colonos israelenses</i>	SIM	SIM	SIM	NÃO	NÃO (pró-palestinos)	NÃO	SIM	SIM
<i>Palestina: a dor de famílias na linha de fogo no conflito com Israel</i>	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	NÃO (pró-palestinos)	SIM	SIM	SIM

Fonte: elaboração própria

A notícia *O que foi a Nakba palestina e por que ela é importante* (G1, 15 de mai. de 2023) aborda um tópico crucial no contexto do conflito israelo-palestino, oferecendo uma visão histórica e contemporânea da al-Nakba (catástrofe) palestina. A autora discute como os palestinos protestam anualmente, carregando símbolos que representam sua esperança de retorno às suas terras. Ao mesmo tempo, ela menciona a acusação de Israel de que grupos como o Hamas exploram essa data para promover suas causas. Já a reportagem *Maioria de jovens palestinos é contra a solução de dois Estados, diz pesquisa exclusiva* (G1, 05 de jun. de 2023) apresenta perspectivas divergentes em relação à solução de dois Estados, evidenciando que a juventude palestina parece estar cada vez mais cética em relação a essa ideia. Isso contrasta com o apoio tradicional a essa solução por parte da comunidade internacional. A inclusão de depoimentos de jovens palestinos, como Janna Tamimi, fornece um contexto humano para as atitudes expressas na pesquisa. Embora a reportagem apresente a perspectiva dos jovens, ela não fornece um contexto histórico completo sobre o conflito, fundamental para que os leitores compreendam o conflito, bem como a relevância política da notícia. A notícia não explora profundamente as razões subjacentes para o declínio do apoio à solução de dois Estados entre os jovens palesti-

nos. Também não analisa as possíveis consequências políticas e sociais dessa mudança de perspectiva.

Em *O que é 'Cova dos Leões', nova milícia palestina 'jovem e raivosa'* (G1, 10 de mar. de 2023) é apresentado o grupo “Cova dos Leões”, incluindo seu surgimento, motivações e atividades. Embora a reportagem inclua uma variedade de fontes, incluindo especialistas, analistas e líderes políticos, a perspectiva dos próprios membros da “Cova dos Leões”, bem como de outros agentes atrelados ao conflito palestino-israelense, não é explorada. Isso poderia proporcionar uma visão mais completa das motivações e objetivos do grupo e seus efeitos sociopolíticos. A designação do grupo como “jovem e raivoso” pode carregar conotações negativas e sugere uma visão preconcebida, afastando terminologias mais neutras e objetivas.

Em um panorama geral, podemos observar que algumas das notícias têm características alinhadas com o jornalismo para a paz, como a orientação para as pessoas, a ênfase nos efeitos invisíveis da guerra e o uso de termos objetivos e moderados.

A idosa palestina que resiste à expulsão forçada de casa por colonos israelenses (G1, 02 de mar. de 2023) aborda a experiência de Amal Awad, uma idosa palestina que enfrenta ataques frequentes de colonos israelenses em sua casa na Cisjordânia ocupada, dando um rosto e uma voz às experiências das pessoas que sofrem com a violência de colonos israelenses e ajudando a humanizar o conflito e a transmitir a realidade vivenciada por muitos palestinos. Embora a notícia fale sobre os ataques de colonos como uma retaliação à demolição de assentamentos ilegais, uma exploração mais profunda das causas subjacentes do conflito, como disputas territoriais e políticas, poderia enriquecer a compreensão do leitor.

Palestina: a dor de famílias na linha de fogo no conflito com Israel (G1, 05 de jan. de 2023) trata da violência contínua no conflito entre israelenses e palestinos, com foco nas mortes de palestinos, incluindo crianças, na região ocupada da Cisjordânia. A notícia não aborda suficientemente o contexto completo do conflito, enfatizando uma visão unilateral e vaga do conflito. A notícia baseia-se principalmente em especialistas da ONU e na afirmação de que Israel lançou uma operação militar em resposta a ataques palestinos.

A reportagem sobre a *Nakba* palestina (G1, 15 de mai. de 2023) e a história da idosa palestina que resistiu à expulsão de sua casa (G1, 02 de mar. de 2023) abordam efetivamente os efeitos invisíveis da guerra. Ambas as histórias destacam o trauma psicológico, o medo e a tensão enfrentados pelas famílias palestinas. A *Nakba* palestina também enfatiza a importância cultural e histórica desse evento, destacando os danos à cultura e à sociedade palestina. As reportagens, com exceção da *O que é 'Cova dos Leões', nova milícia palestina 'jovem e raivosa'* (G1, 10 de mar. de 2023), oferecem uma orientação para as pessoas, compartilhando histórias e experiências humanas relacionadas ao conflito, apresentando as perspectivas das pessoas afetadas.

A maioria das notícias analisadas aprofunda as causas subjacentes do conflito Israel-Palestina ou as consequências mais profundas em nível nacional ou internacional. Elas tendem a se concentrar nas histórias pessoais e nas questões imediatas. Além disso, apenas a reportagem sobre os jovens palestinos (G1, 05 de jun. de 2023) evita explicitamente favorecer um dos lados, apresentando informações de maneira equilibrada ou destacando aspectos diferentes do conflito.

Em um panorama geral, podemos observar que algumas das notícias têm características alinhadas com o jornalismo para a paz, como a orientação para as pessoas, a ênfase nos efeitos invisíveis da guerra e o uso de termos objetivos e moderados. Esse cenário demonstra um importante avanço nas formas pelas quais o jornalismo brasileiro (Resende; Rossignoli, 2015) e internacional, em especial, em língua inglesa (Tasseron; Lawson, 2022) tem representado o conflito, demonstrando a possibilidade de formas inventivas de como os comunicadores podem atuar para construção da paz. Comparativamente com estudos anteriores, as matérias jornalísticas veiculadas no período analisado no portal de notícias G1 enfatizaram a possibilidade de matérias equilibradas em relação aos conflitos contemporâneos. No entanto, também existem exemplos em que as notícias parecem não seguir todas essas características, como quando há viés pró-palestino ou antipalestino, e quando as causas e consequências mais profundas do conflito não são abordadas. Portanto, o panorama deste recorte revela ainda as dificuldades em apresentar um jornalismo orientado para a paz em nosso país.

Considerações finais

A análise das reportagens circulantes no contexto jornalístico brasileiro sobre a Palestina realizada no nosso recorte, a partir das proposições de um jornalismo para a paz, revela um cenário complexo, mas surpreendentemente positivo. O Brasil contemporâneo testemunhou uma reconfiguração das formas como conflito era narrado e compreendido devido à influência ideológica da extrema-direita, que se aproximou de Israel por motivos relacionados a agendas religiosas e políticas internas. Nesse contexto, o jornalismo desempenha um papel crucial como um ator fundamental na promoção da reconciliação entre palestinos e israelenses e na cura das relações sociais fragmentadas no país. O jornalismo para a paz busca destacar iniciativas que promovam a paz positiva, atenuando diferenças e prevenindo novos conflitos.

Em relação ao conflito israelo-palestino, a mídia ocidental enfrenta desafios complexos em equilibrar perspectivas pró-israelenses – ou antipalestinas – e pró-palestinas. Essas complexidades influenciam tanto a cobertura jornalística quanto as crenças sociais. A análise realizada neste estudo procurou avaliar o uso dos enquadramentos para paz em matérias relacionadas ao conflito israelo-palestino nas matérias veiculadas no G1 no primeiro semestre de 2023. As notícias analisadas variam em termos de adesão às características do jornalismo para a paz. Algumas delas incorporam muitos desses elementos, enquanto outras apresentam lacunas ou tendências que podem não promover uma cobertura equili-

brada do conflito palestino-israelense. Este estudo destaca a complexidade de aplicar consistentemente o jornalismo para a paz em contextos de conflito, especialmente em uma região tão conturbada como o Oriente Médio. Nesse cenário, pesquisas futuras devem investigar o enquadramento para paz também nos portais originais dessas matérias, como BBC e Deutsche Welle, comparativamente com as produções traduzidas para o português e veiculadas no G1, assim como incluir amostrados de outros veículos de maneira também comparativa, de modo a compreender possíveis critérios de seleção editorial ou outros fenômenos ligados ao enquadramento observado na presente pesquisa.

Referências bibliográficas

A IDOSA palestina que resiste à expulsão forçada de casa por colonos israelenses, **G1**, 02 de mar. de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/03/02/a-idosa-palestina-que-resiste-a-expulsao-forcada-de-casa-por-colonos-israelenses.ghtml>. Acesso em: 19 set. 2023.

BACKMANN, René. **Um muro na Palestina**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

BUDKA, Philipp; BRÄUCHLER, Birgit. Introduction: anthropological perspectives on theorizing media and conflict. In: BUDKA, Philipp; BRÄUCHLER, Birgit (Ed.). **Theorising Media and Conflict**. Nova York: Berghahn Books, 2020, p. 4-32.

FINKELSTEIN, Norman G. **A indústria do Holocausto**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GALTUNG, Johan. **Tras la violencia, 3R**: reconstrucción, reconciliación, resolución. Bilbao, Spain: Bakeas, 1998.

GALTUNG, Johan. Violence, peace, and peace research. **Journal of Peace Research**, v. 6, n. 3, p. 167-191, 1969.

GAMSON, William A. **Talking politics**. Cambridge University Press, 1992.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC, 2016.

HARTLEY, John. **Communication, cultural and media studies**: The key concepts. Londres: Routledge, 2012.

HAWKINS, Virgil. Peace process or just peace deal? The media's failure to cover peace. In: I. S. Shaw, J. Lynch, & R. A. Hackett (Eds.), **Expanding peace journalism**: Comparative and critical approaches (pp. 261-84). Sydney: Sydney University Press, 2011.

HAZBOUN, Ibrahim; MAOZ, Ifat; BLONDHEIM, Menahem. Palestinian media landscape: Experiences, narratives, and agendas of journalists under restrictions. **The Communication Review**, v. 22, n. 1, p. 1-25, 2019.

HERMAN, Edward; CHOMSKY, Noam. **Manufacturing Consent**: The Political Economy of the Mass Media, New York: Pantheon, 1988.

HOLLEIS, Jennifer. O que foi a Nakba palestina e por que ela é importante, **G1**, 15 de mai. de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/05/15/o-que-foi-a-nakba-palestina-e-por-que-ela-e-importante.ghtml>. Acesso em: 19 set. 2023

HUMAN RIGHTS WATCH. **A Threshold Crossed: Israeli Authorities and the Crimes of Apartheid and Persecution**, report, abr. de 2021. Disponível em: https://www.hrw.org/sites/default/files/media_2021/04/israel_palestine0421_web_0.pdf. Acesso em: 15 nov. 2022.

KAMRAVA, Mehran. **The Modern Middle East – A Political History Since the First World War**. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press, 2013.

LEE, Seow Ting. Peace journalism. **The routledge handbook of mass media ethics**, p. 356-373, 2020.

LEE, Seow Ting; MASLOG, Crispin C. War or peace journalism? Asian newspaper coverage of conflicts. **Journal of Communication**, v. 55, n. 2, p. 311-329, 2005.

LENTIN, Alana. Post-race, post politics: the paradoxical rise of culture after multiculturalism. In: **Multiculturalism, Social Cohesion and Immigration**. Routledge, 2017. p. 4-21.

LYNCH, Jake. Can the centre hold? Prospects for mobilising media activism around public service broadcasting using peace journalism. **Expanding Peace Journalism: comparative and critical approaches**, p. 289-318, 2011.

LYNCH, Jake. **Debates in peace journalism**. Sydney University Press, 2008.

LYNCH, Jake; GALTUNG, Johan. **Reporting conflict: New directions in peace journalism**. St Lucia: University of Queensland Press, 2010.

LYNCH, Jake; MCGOLDRICK, Annabel. **Peace journalism**. Hawthorn Press, 2005

MAIORIA de jovens palestinos é contra a solução de dois Estados, diz pesquisa exclusiva, **G1**, 05 de jun. de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/07/05/maioria-de-jovens-palestinos-e-contra-solucao-de-dois-estados-diz-pesquisa-exclusiva.ghtml>. Acesso em: 19 set. 2023.

MCMAHON, Rob; CHOW-WHITE, Peter A. News media encoding of racial reconciliation: Developing a peace journalism model for the analysis of ‘cold’ conflict. **Media, Culture & Society**, v. 33, n. 7, p. 989-1007, 2011.

O QUE é ‘Cova dos Leões’, nova milícia palestina ‘jovem e raivosa’, **G1**, 10 de mar. de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/03/10/o-que-e-cova-dos-leoes-nova-milicia-palestina-jovem-e-raivosa.ghtml>. Acesso em: 19 set. 2023.

PALESTINA: a dor de famílias na linha de fogo no conflito com Israel, **G1**, 05 de jan. de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/01/05/palestina-a-dor-de-familias-na-linha-de-fogo-no-conflito-com-israel.ghtml>. Acesso em: 19 set. 2023.

PAPPÉ, Ilan. **A limpeza étnica da Palestina**. São Paulo: Editora Sundermann, 2016.

REESE, Stephen D. Understanding the global journalist: A hierarchy-of-influences approach. **Journalism studies**, v. 2, n. 2, p. 173-187, 2001.

RESENDE, Fernando Antônio; ROSSIGNOLI, Letícia. O conflito Israel/Palestina como acontecimento jornalístico: análises de narrativas do jornal Folha da Manhã (1936/1946). **Ga-láxia (São Paulo)**, p. 86-98, 2015.

SHAW, Ibrahim Seaga. Human rights journalism': A critical conceptual framework of a complementary strand of peace journalism. **Expanding peace journalism: Comparative and critical approaches**, p. 96-121, 2011.

SHEAFER, Tamir; DVIR-GVIRSMAN, Shira. The spoiler effect: Framing attitudes and expectations toward peace. **Journal of peace research**, v. 47, n. 2, p. 205-215, 2010.

SHINAR, Dov. The peace process in cultural conflict: The role of the media. **Conflict & Communication**, v. 2, n. 1, 2003.

TASSERON, Michael; LAWSON, Brendan T. Legitimizing military action through statistics and discourse in the 2014 IDF assault on Gaza. **Media, War & Conflict**, v. 15, n. 2, p. 238-256, 2022.

TIRIPELLI, Giuliana. **Media and peace in the Middle East: The role of journalism in Israel-Palestine**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2016.

WOLFSFELD, Gadi. **Media and the Path to Peace**. Cambridge University Press, 2004.

WOLFSFELD, Gadi. Promoting peace through the news media: Some initial lessons from the Oslo peace process. **Harvard International Journal of Press/Politics**, v. 2, n. 4, p. 52-70, 1997.

 Data do recebimento: 26/07/2023

Data do aceite: 15/01/2024

Dados dos autores:

Daniela Osvald Ramos

Professora de Novas Tecnologias da Comunicação na Sociedade Contemporânea e Teorias da Comunicação no curso de Educomunicação no Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, em Regime de Dedicção Integral à Docência e Pesquisa (RDIDP). Também atua no curso de Design (FAU/USP) na disciplina Teorias do Signo. Pesquisadora do Núcleo de Estudos da Violência (CEPID/FAPESP) da Universidade de São Paulo. É integrante do grupo de pesquisa COM+ (ECA-USP) e Semiótica da Comunicação (ECA-USP).

Vitória Paschoal Baldin

Mestranda em Ciências da Comunicação (PPGCOM-ECA) e bacharel em História da Arte (UNIFESP). Pesquisadora de arte, cultura visual, comunicação digital e ativismo transnacional palestino.